

O viés de adulação dificulta processo de modernização do pensamento jurídico

Legado cultural da lisonja ao poder inibe a crítica construtiva

GUSTAVO BINENBOJM

11/02/2020 07:00



De 1988 a 1998, o índice de perda de aviões da Korean foi 17 vezes superior ao de outras companhias de nível mundial –
Crédito: Pixabay

Qual a relação entre a cultura coreana e o alto número de acidentes da *Korean Airlines*? No livro *Outliers*, Malcolm Gladwell faz um inventário das condições externas à iniciativa individual que contribuem para o sucesso ou insucesso de qualquer empreitada. Acidentes aéreos acontecem por um acúmulo infeliz de circunstâncias (tempo ruim, atraso no voo e erros humanos em cadeia).

Gladwell, porém, revela que na KA o respeito excessivo à autoridade dificultava a comunicação eficaz entre pilotos, engenheiros e controladores de voo. O *discurso mitigado* não permitia que riscos e orientações fossem transmitidos com clareza. A

necessária *accountability* dos sistemas de segurança não se tornava efetiva. As caixas-pretas foram analisadas por especialistas. Revelaram que a cultura de deferência à autoridade faz aviões caírem.

+JOTA Sua organização está preparada para 2020? Com o **JOTA PRO**, milhares de profissionais antecipam o impacto de decisões judiciais no seu planejamento do ano. Entre em contato e faça um diagnóstico!

De 1988 a 1998, o índice de perda de aviões da *Korean* foi 17 vezes superior ao de outras companhias de nível mundial. Em 2000, os coreanos contrataram David Greenberg, da *Delta Airlines*, para dirigir as operações. O idioma coreano tem seis níveis distintos de tratamento em função da hierarquia dos interlocutores.

Greenberg decidiu que os funcionários seriam *reeducados* em inglês, em linguagem direta, objetiva e com a entonação adequada. Deviam dizer o que precisava ser dito, a tempo e a hora. Os números da *Korean* tornaram-se impecáveis.

Culturas distintas lidam de maneiras distintas com a autoridade. Guido Calabresi conta que logo depois da publicação de *The cost of accidents* – obra seminal para o uso da análise econômica do direito – um juiz da Suprema Corte teria comentado: “Muito interessante. Mas isso não é direito.” Ao que então teria respondido: “Em alguns anos, isso não apenas será direito; isso será *o direito!*”

Há no Brasil uma cultura de fascínio pelo poder. Os bacharéis são ensinados a cultuar os argumentos de autoridade, mais do que a autoridade dos argumentos.

Essa tradição se refletiu na formação de um padrão intelectual impregnado pelo viés de adulação, que inibe a crítica construtiva e dificulta o processo de modernização do pensamento jurídico.

O Direito Administrativo venera a autoridade, preza a hierarquia e se nutre do poder. Lembro-me dos conselhos dos áulicos no início da minha carreira: ter cuidado para não fazer críticas diretas e nominais, pois essa não era “a nossa tradição.” Esse modelo embota a inovação e gera incentivos à endogenia intelectual. Produzir conhecimento novo exige a ruptura com velhos paradigmas e a superação de

antigas verdades. Toda sociedade precisa de um ambiente de livre competição de ideias, no qual o sucesso não seja medido pela semelhança com o passado. O avião não foi inventado a partir de elogios aos balões dirigíveis.

GUSTAVO BINENBOJM – Professor Titular da Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Doutor pela UERJ e Master of Laws (LL.M.) pela Yale Law School.